

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura (sem brinde)		Editor e administrador	Condições da assignatura (com brinde)	
Por anno (Portugal e Hespanha)	800 reis	JOSE FRUCTUOSO DA FONSECA Redactor A. PEIXOTO DO AMARAL	Por anno (Portugal e Hespanha)	1\$000 reis
Provincias ultramarinas, e União geral dos correios	1\$100 »		Provincias ultramarinas, e União geral dos correios	1\$600 »
India, China e America	1\$280 »	Typ. de J. F. Fonseca—Pizarra, 74	Numero avulso	100 »



SUMMARIO

Monsenhor Manuel Marinho, pela Redacção.—*Devocão a Maria*—SECÇÃO DOCTRINAL: *Mensagem ao Sr. Bispo do Porto*.—*Voltarão os Frades?* (continuação) por um catholico.—SECÇÃO CRITICA: *Socialismo, christianismo e catholicismo*, pelo sr. A. S. Ferreira.—SECÇÃO HISTORICA: *Convento e freguezia de Mancellos* (continuação) pelo sr. Padre José Victorino Pinto de Carvalho; *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus* (continuação) pelo sr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA: *Imitação de Christo*, pelo sr. A. Moreira Bello.—SECÇÃO LITTERARIA: *Milicia Christã*, pelo sr. Dr. José Rodrigues Cosgaya; *Lágrimas e ventura*, pelo sr. A. Moreira Bello; *O problema de Lourdes* (continuação).—SECÇÃO ILUSTRADA: *S. Leão II Papa e Confessor*; *Abrahão e os tres anjos*.—SECÇÃO NOTICIOSA.—EXPEDIENTE.

Gravuras: *S. Leão II Papa e Confessor*; *Abrahão e os tres anjos*.



S. Leão II Papa e Confessor



Monsenhor Manuel Marinho



DEDICA hoje o *Frogresso Catholico* esta pagina ao Exc.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Padre Manoel Marinho, pela subidissima honra que acaba de receber de Sua Santidade, que houve por bem agracial-o com a dignidade de Camareiro Secreto Supranumerario da Santa Sé.

Rarissimas vezes terá o Summo Pontifice concedido uma graça tam merecida, como esta, porque o Rev.^{mo} Padre Manuel Marinho, alem de ser um escriptor de raça, um talento de primeira plana que tem prestado relevantissimos serviços á religião e á Egreja Catholica, tanto pelos seus artigos jornalisticos de combate, como pelas obras de fundo e de profundo estudo e erudição, é uma alma diamantina, um coração de suprema bondade, um ecclesiastico virtuoso e exemplar, um espirito tam modesto e tam desprendido de vanglorias e de grandezas, que só por profundo respeito a Sua Santidade ó que acceitou a grande distincção com que foram recompensados os seus serviços.

Não podemos deixar de nos congratular com esta honra pontificia concedida ao benemerito sacerdote, pois que o agraciado tem jus inquestionavel a ella, e Sua Santi-

dade concedendo-lhe esta distincção—uma das mais valiosas que costuma conceder em eguaes circumstancias, — honrando o talento e os muitos merecimentos de Monsenhor Manoel Marinho, honrou tambem o seu coração paternal, porque fez justiça ao verdadeiro talento.

Galardoando Sua Santidade este nosso amigo, uma das illustrações da egreja portuense, por informação do nosso bondosissimo prelado, enobreceu a todo o clero portugalense, de que o agraciado é um dos mais distinctos e preclaros membros. E S. Exc.^a Rev.^{ma} o snr. D. Antonio Barroso, que ama e aprecia os membros benemeritos do seu clero, tambem deve a estas horas estar satisfeitissimo.

Bem sabemos que vamos magoar a excessiva modestia do nosso egregio amigo, fallando d'esta forma, mas não podemos deixar de o fazer, porque acima dos melindres aliás respeitossimos de S. Ex.^a Rev.^{ma}, está a nossa missão de jornalistas, pois que temos por norma e por dever dar sempre o seu a seu dono, custe o que custar.

E terminamos felicitando do coração o sapientissimo escriptor, desejando-lhe todas as venturas de que é digno.



DEVOÇÃO A MARIA

Mãe de Deus e Mãe dos homens

Pensae em Maria.—Quanto nos será útil a protecção de tal Mãe! Quem ousará duvidar da sua bondade? Que tentação ou perturbação não poderá vencer quem confia no patrocínio da Mãe de Deus, que também é Mãe nossa? (Bellarm. de sept. Verb.)

Invocae a Maria.—O' Mãe amantíssima, sede bemdicta, e bemdicto seja também Deus, que vos deu aos homens por Mãe e refugio seguro em todos os perigos da vida! (S. Lig.)

Alegrae a Maria.—Nos perigos, nas dificuldades, descança, caríssimo irmão, no dulcíssimo coração de nossa dulcíssima Mãe.—*Não soffrerá as penas eternas aquelle, por quem Maria uma vez orar.* (S. Ansel.)

SECÇÃO DOUTRINAL

Mensagem ao Sr. Bispo do Porto

Foi entregue ao Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Bispo do Porto a seguinte mensagem, assignada por algumas centenas d'estudantes de Coimbra:

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor.

Não ha muito que na velha sala dos Capellos da Universidade de Coimbra vibrou, caloroso e brilhantissimo, o elogio da vida operosa e do character diamantino de V. Ex.^a Rev.^{ma}. A solemnidade do dia, a selecção do auditorio, na sua grande maioria academico, e, sobretudo, a veneranda presença de V. Ex.^a Rev.^{ma} deram, por então, alto relevo á palavra do eloquente orador que tracejou e enalteceu o perfil e a obra do Padre Sousa Barroso — o egregio missionario que, em regiões adustas e por entre populações selvagens, ergueu soberanamente a alma da patria portugueza e o genio da civilização humana.

Não, não se apagará jámais no nosso espirito a impressão nelle deixada pelo impolgante e formosissimo discurso do sr. dr. Mendes dos Remedios, um homem de coração e de talento que, falando em nome da verdade e da justiça, fez subir de ponto a nossa admi-

ração e o nosso culto pelo benemerito cidadão e fervoroso patriota, que é hoje Bispo do Porto. Impossivel, positivamente impossivel, esquecer jámais essa alevantada homenagem rendida a quem, como V. Ex.^a Rev.^a, na Africa e na India, sempre atravez de agruras e sacrificios, serviu heroicamente a causa da fé e a causa de Portugal.

Infelizmente, porém, um pequeno grupo de assistentes, que estava longe de ser exclusivamente constituido pelo elemento academico, não pode soffrer em silencio a apologia do merito e da virtude que illuminam e impõe á benequerença do paiz a distincta individualidade de V. Ex.^a Rev.^{ma}, e d'ahi manifestações de desagrado, n'um insolito procedimento que, hoje como então, consinta o nosso protesto vehemente e indignado.

Não, não queremos ser solidarios com os promotores do desacato sem nome, cuja lembrança nos revolta e punge profundamente. Não, não queremos, e, para o deixar bem provado, vimos por este meio affirmar ainda uma vez, o respeito e a veneração que tributamos á abnegação rara e ao civismo ardente de V. Ex.^a Rev.^{ma}. Continuamos assim uma tradição escolar tão longa como brilhante e mostramos que não foi de todo perdido o exemplo que nos deu a geração academica que, em 1896, atapetou com as suas capas as ruas d'esta cidade para que o Bispo de Hymeria passasse por entre a espontanea e ruidosa aclamação d'um triumpho.

Tal é o valor d'esta mensagem e a significação d'estas assignaturas.

Coimbra, maio de 1901.

Voltarão os Frades?

AO CORRER DA PENNA

(Continuação)

Podem voltar?

Nunca fiando?

VAMOS terminar estas nossas desataviadas e despretenciosas phrases, apresentando uma supposição e apontando os seus resultados, se não certos, ao menos com toda a probabilidade.

*

Supponhamos, que em Portugal tornavam a existir conventos e mosteiros, para ambos os sexos, como outr'ora e em maior ou menor numero.

O que succederia?

Poderiam viver seguros os seus habitadores?

Não deveriam receiar, que a lei, que auctorizou a restauração das ordens religiosas, não passava de um logro ou de uma verdadeira *armadilha*?

Parece-nos, que sim.

Publicada a lei, que tal auctorisasse, os amantes das ordens religiosas davam-se mutuamente os parabens e não faltariam crentes, que dêssem as maiores demonstrações de regosijo.

Os frades entravam para os conventos, que fossem edificando, aproveitando ou restaurando.

Iam professando e podiam, como outr'ora, adquirir alguns capitães em bens de raiz e em dinheiro.

Iriam comprando as indispensaveis mobílias para os seus aposentos e para as diversas repartições de suas casas.

Não podiam deixar de comprar paramentos, imagens e alfaias do culto.

E, se estas não houvessem de ser valiosas, seriam, ao menos, muito decentes, não só para inspirarem respeito, mas também para evitarem censuras.

Tudo correria muito bem. Os frades iriam cumprindo com as suas obrigações e os seus templos, expostos á veneração dos fieis, davam o espectáculo das suas solemnidades.

Mas não passariam muitos annos, bastariam dez ou vinte, para tudo se transformar e só então os frades conheceram a armadilha, o laço, o logro, em que haviam caído.

Os governantes, faltos de meios e de seriedade e costumados a serem pouco escrupulosos no cumprimento dos seus contratos e traidores em suas promessas, descobririam nos conventos uma nova mina de facil exploração.

Bastava-lhes um simples pretexto, para deitarem novamente os arpéus aos bens monasticos.

E, por isso, era necessario, que todos os que desejassem dedicar-se á vida conventual, houvessem de ser tão ingenuos ou tão pouco previdentes, que não reconhecessem, que a nova concessão, para se organisarem entre nós as congregações religiosas, não passava de uma rede, para, dentro em pouco, o governo arranjar nova rapinancia.

Não temam, pois os liberaes. Ninguém irá offender a memoria de Marquez de Pombal nem a do *Mata Frades*, por que pelos antecedentes se preveem as consequencias.

*

Em 1884 trataram alguns individuos de requerer ao governo uma concessão para o restabelecimento de taes congregações. No mesmo sentido requereram algumas camaras municipaes e no parlamento não faltou quem levantasse a voz em favor do assumpto.

E, na verdade, alguma utilidade ainda hoje teriam os conventos, por que, dos seus habitadores podiam sair missionarios para a Africa e não poucos individuos para o ensino. E seria

tambem este o meio mais facil, para se conservarem os poucos monumentos nacionaes, que nos restam.

Tambem é verdade, que para isso tem sido nomeadas umas commissões. Mas estas, como nada ganham, pouco se importam da conservação de taes monumentos.

E o que poderão fazer taes commissões sem terem meios?

Mas, tornando ao ponto, de que nos haviamos desviado, diremos, que, quando se fallou em tal restauração, não faltaram jornalistas, que gritassem contra o facto e que se mostrassem atemorizados, pensando, que a liberdade estava em maior perigo, do que Roma estava, quando Catilina batia ás suas portas.

Felizmente para esses timoratos, a tempestade passou e as nuvens, que offuscavam o sol da liberdade, dissiparam-se, como ao sopro da mais branda aragem se dissipam as nuvens do formoso céu d'este paiz *libertado e felicissimo*.

Supponhamos, porém, que tal não acontecia?

Os pretextos para uma nova extinção não haviam de faltar.

Perdia o governo umas eleições? Havia qualquer alteração na ordem publica?

Encareciam os generos?

Estavam os negocios paralisados? Havia uma epidemia qualquer?

De tudo seriam culpados os frades e, portanto: *Rua!*

E para prova de que não nos enganamos, basta saber-se, que ás vezes não ha jesuitas e já tudo anda com medo do jesuitismo.

Quando chegam uns missionarios a qualquer terra, já se diz, que elles são jesuitas, e que as mulheres, que junto aos templos, onde elles prégam, vendem livros, contas e outros objectos, são as suas concubinas e que elles vão feitos no grande negocio, que as taes mulheres podem arranjar.

Em casos taes, ou se vão prégar quaesquer padres a um triduo ou a uns exercicios religiosos, já se grita, que estão jesuitas e lazaristas em tal ou tal povoação; que já está tudo perdido; que estamos desgraçados e que não faltarão roubos de mulheres e de dinheiros!

E, no meio de tanto alarido e de tanta prégação, podemos correr todas as ruas, praças e bécos sem encontrarmos um só jesuita, ainda que andassemos de dia com uma lanterna accesa a procural-os, como Diogenes andou na praça de Athenas procurando um homem.

Mas não nos admiremos de taes alaridos e de taes receios.

Ainda não ha muito, que um jornal

affirmava: que havia jesuitas não só na classe clerical, mas em todas as classes, casados, solteiros, militares, proprietarios e outros individuos de casa e de bigode e pera; que os jesuitas estavam prohibidos em Portugal e que por isso o governo devia expulsar taes individuos e confiscar-lhes os bens, como o Marquez de Pombal havia feito aos jesuitas e como Aguiar havia feito aos frades.

Ora, á vista de taes argumentos e n'um paiz, onde os governantes attendam a taes theorias, nem qualquer cidadão póde estar seguro nem seguros os seus haveres.

E os governantes facilmente se podiam entender com meia duzia de jornalistas, a quem gratificassem, e que começassem a dizer, que os conventos, antros de reacção e focos de grande fanatismo, punham em perigo a liberdade, que *felizmente gozamos*.

E, como a *imprensa representa a opinião publica*, os governantes *viam-se obrigados a obedecerem á opinião publica*, e os frades lá iam para fóra de suas casas.

Os seus inimigos, contentes com a nova medida, esfregariam as mãos e dariam dois saltos exclamando: Ainda bem, que se salvaram os principios!

* * *

E os frades expulsos seriam, como os que foram expulsos em 1834, espancados, perseguidos, maltratados e até não faltariam alguns, que fossem violentamente mortos ou que morressem á fome.

Verdade é, que poderiam os governantes estabelecer aos novos egressos algum subsidio, como n'aquella epocha se fizera.

Mas para obter esse subsidio, que difficuldades não seria mister vencer?

Seria preciso, que os novos egressos provassem, que foram sempre muito boas pessoas, muito patriotas e muito liberaes; que não tinham concorrido para os males da patria nem para se alterar o socego publico; seria-lhes preciso mostrarem muitos documentos comprovativos dos seus serviços ás letras; e, finalmente, seria mister, que tivessem bons padrinhos e grandes protectores, para evitarem a miseria.

*

Não se admirem os leitores, de que os frades, pouco depois de novamente se lhes permitirem as profissões, houvessem de ser novamente expulsos.

No nosso paiz tudo isto não é só possivel, é certissimo, como é certissimo, que nenhuma sociedade e nenhum cidadão poderá de hoje para amanhã contar com os seus haveres.

Já n'outro logar apresentámos esta asserção.

O que se póde esperar de uns governantes, como os nossos, sem credito, sem meios, sem recursos e sem consciencia e sem palavra?

Pois as medidas de fazenda e a falta de fidelidade nos contratos não nos dão o direito de assim pensarmos e a todo o cidadão o direito de estar em constantes sobresaltos?

Parece-nos, que sim.

* * *

Terminamos aqui as nossas considerações acerca do assumpto, de que nos temos occupado, e que nos inspirou menos o desejo de passarmos por eruditos e eloquentes, do que o de levantarmos um pequeno padrão á verdade e o de desenganarmos alguns illudidos.

A nossa propria consciencia nos diz, que cumprimos um dever, defendendo innocentes e especialmente os nossos conterraneos.

Não esperamos louvores nem agradecimentos.

Os defendidos já não podem agradecer-nos. Uns morreram, outros estão em idade tão propecta, que já não terão paciencia, para lerem ou para ouvirem as nossas phrases.

Para louvores não tem merecimento o que a respeito da materia fica exposto.

FIM

UM CATHOLICO.

SECÇÃO CRITICA

Socialismo, christianismo e catholicismo

CONGRUA inferior a cem mil reis, em seculo XX, já é fortuna! E o governo tem-nos como seus empregados!... Porém, uma congrua *legal* de 228230 reis, é ainda mais.

Tenho eu uma freguezia com esta congrua, e se quizer collar-me com ella não posso. Fortes legistas nós temos!

A palavra *inferiores* quer dizer, na gíria, superiores. Parece que as congruas todas inclinam-se a ser de cem mil reis para baixo. Então, e chegando a ser pobres de todo, e sendo muito brutinhos, já estamos todos bem; podemos fazer, como aquelles que nada possuem, tudo quanto nós quizermos.

Os monopolisadores de todo nosso ter, saber e querer hão de nos deixar bem *satisfeitos*; não pagamos tributos, ao menos: assim diremos nós quando tivermos vendido tudo, e não podermos trabalhar.

Por este caminho não se vae muito bem: pois, vale mais deixar a ruina

que pedir a bons. E' bem verdade que sempre havemos de ter pobres, disse o quem o sabia; porém, do mal o menos, seja-me licito falar assim. Digo assim, porque o Sacerdote deve possuir a virtude, o espirito de pobreza. E' dos pobres o reino do Céu, é bem verdade; mas a virtude para ser boa deve ser propria, não ser imposta: quem nos quer humilhar é vil; quem não quer deixar-se humilhar é nobre.

Precisamos esperar nossos bens de nosso bom Deus, tam sómente; mas precisamos tambem de trabalhar como se nós esperassemos o bom resultado só de nós inermos; o resto Deus o dirá. E' o que se costuma dizer no bom sentido: trabalhar é orar, e no mesmo sentido tambem: orar é trabalhar. Preciso se faz não confundir a oração com a devoção. A oração é obrigatoria; não assim a devoção, porque muitas vezes póde satisfazer a nós tam sómente. Porquanto, é a oração d'instituição divina, e a devoção, muitissimas vezes até, d'instituição puramente nossa: pois não ha quem não tenha devoção. E a devoção é precisa em certo modo tambem, como no corpo humano são precisos ossos, musculos, nervos, vasos e liquidos, veias, fibras e moleculas, tudo animado pelo eterno principio, que governa quanto existe ou houver d'existir. Portanto, não ha quem não precise da oração. A devoção conduz a esta. Precisamos até jejuar para nos precataros contra nossos inimigos. Jejuemos, não porque nos façam jejuar á viva força, mas para a nós fazermos estudar alguma cousinha em seu favor. *Mundi per abstinentiam Deo canamus gloriam.*

Estudem nossos inimigos, e serão nossos amigos.

(Continua)

A. S. FERREIRA.

SECÇÃO HISTORICA

Convento e freguezia de Mancellos

Extractos das Pastoraes e Provisões

8 de fevereiro de 1833. Provisão do Doutor José Firmino da Cunha Reis da Motta Godinho, Provisor pelo Vigario Capitular, Sede Vacante.

Não se tendo publicado a Bulla na comarca de Braga; e podendo haver duvida bem fundada, se o anno ecclesiastico, que se computa de uma a outra publicação, se deva ou não julgar findo, auctorisa os Confessores a absolver os penitentes dos casos e censuras episcopaes, reservadas em Synodo, commutar votos em quaesquer obras pias, *servatis servandis*, não sendo re-

servados á Santa Sé, isto para os que tomassem a Bulla no anno anterior.

Declara subsistentes todas as graças e indulgencias que, pela publicação do anno anterior, tinham ficado suspensas. (Do livro de Travanca).

Na primeira folha junta ao livro d'esta freguezia pelo Reitor João Lopes, folha que está escripta só por um lado, archivou elle o seguinte: Em 16 de junho do corrente anno de 1834, recebi uma circular do ill.^{mo} snr. Vigario Geral da comarca de Guimarães, em que manda apresentar-lhe o titulo e posse deste beneficio.

No mesmo, recebi outra do mesmo snr. Vigario Geral, pela qual manda que todos os parochos, que foram ou forem removidos, de seus beneficios, se ausentem de suas freguezias, no termo de tres dias, contados desde a publicação desta ordem, etc.

No mesmo recebi uma Circular do ill.^{mo} e ex.^{mo} snr. Governador do Arcebispado, do theor seguinte: O Doutor Manuel Pires de Azevedo Loureiro, Governador do Arcebispado por S. M. I. o Duque de Bragança em nome da Rainha.

Fazemos saber... que somos informados, que varias pessoas andam pedindo esmolas e donativos para as necessidades do Estado, só com o fim de desacreditarem o governo de S. M. I., e de roubarem; portanto que não deem esmolas ou donativos a pessoas que as pedirem, por estes ou semelhantes motivos, a quem muito recommendamos que verifiquem a identidade de semelhantes pessoas, com todas as circumstancias, que podem influir no conhecimento dos mesmos, que já tem praticado ou praticarem para o futuro, sem expressa licença ou ordem das autoridades locais, etc.

No livro de Travanca está copiada a Circular de 10 de junho de 1834, que é um documento valioso para a historia religiosa daquella epoca. Vou deixal-a aqui archivada, porque semelhante documento lança muita luz sobre os processos de que se serviu o governo constitucional, nos primeiros annos do seu estabelecimento entre nós.

Agostinho Vicente Ferreira de Castro e Freitas, Vigario Geral da comarca de Guimarães, por s. ex.^a rev.^{ma} o senhor Governador do Arcebispado, etc.

Faço saber que acabo de receber, por copia, de s. ex.^a rev.^{ma} as inclusas Portarias da Secretaria dos Negocios Ecclesiasticos e da Justiça, e com elles a Circular, tudo do theor seguinte:

O Doutor Manuel Peres de Azevedo Loureiro, Governador Temporal por S. M. I. e Vigario Capitular do Arcebispado de Braga, Sede Vacante. Fa-

zemos saber ao Rev.^o Desembargador da comarca e Villa de Guimarães, que S. M. I. o Duque de Bragança, Regente em nome da Rainha, me mandou remetter pela Secretaria de Estado dos Negocios Ecclesiasticos e da Justiça e da Junta do Melhoramento as Portarias do theor seguinte:

Constando ao Duque de Bragança Regente em nome da Rainha, que muitos ecclesiasticos, com injurioso desprezo dos preceitos da Religião de Jesus Christo, contribuíram poderosamente para a usurpação da Coroa, e destruição da Carta Constitucional da Monarchia; e na calamitosa epoca, em que o usurpador dominou em Portugal, não só se desviaram dos deveres, que o seu estado e ministerio reclamavam d'elles, mas ainda se arrojarão ao excesso de se constituirem mestres do crime, da irreligião e da immoralidade, convidando os povos á rebellião e ao perjurio, e procurando suffocar nelles, por meio de cavillosos discursos e absurdas declamações, os sentimentos de fidelidade e de patriotismo, a fim de os fazer escravos do mais despotico e injusto de todos os governos, e continuar a tirar partido da ignorancia e do fanatismo, chegando alguns d'esses indignos Ministros do Altar ao escandalo de se servirem do Tribunal da penitencia, e da Cadeira da Verdade, donde só deviam sahir vozes de obediencia ao legitimo governo, de paz, união e mutua caridade entre todos os membros da familia portugueza, para excitar os povos á guerra civil, á perseguição, ao odio e a toda a sorte de crimes e de atrocidades contra os subditos fieis da Rainha; e commetterem ainda o attentado de tomarem as armas e irem bater-se em campo contra os bravos soldados do Exercito libertador, Manda S. M. I. participar ao Governador, Vigario Capitular do Arcebispado de Braga que, se por effeito da mais generosa clemencia tem suspenso os procedimentos de justo rigor, de que se fizeram dignos, como authores ou cooperadores das desgraças, que pezam sobre a Nação Portugueza, e ultimamente responsaveis pelo exterminio de milhares de cidadãos virtuosos; pelo infortunio de outras tantas familias; pelas vidas que os defensores do Throno legitimo e da liberdade perderam no campo da honra, e pelo Sangue innocente que muitos martyres derramaram nos patibulos; não é das intenções do Mesmo Augusto Senhor que continuem em suas funcções, sendo a continuação d'elles no exercicio de seus ministerios prejudicial á Religião, que tem sacrilegamente offendido, e ao Estado, que atraçoaram.

No meio da lastimosa serie de im-

piedades e de crimes de uma parte do Clero portuguez, que muito magoam o coração de S. M. I., tem o Mesmo Augusto Senhor gostado a dôce satisfação de ver que muitos Ecclesiasticos de todas as Jerarchias, se conservaram, em todo o tempo fieis ao seu dever; e assim como S. M. I. deseja que a estes conste o apreço, que d'elles faz, por sua lealdade, assim espera que a manifestação de estima, que lhes merece, e da conta em que tem sua louvavel conducta, sirva de estímulo aos outros, para emendarem seu comportamento no futuro, e abjurarem seus erros; mas se a respeito de alguns não fôr preenchida a esperança de S. M. I., será inexoravel para com elles, e terão de soffrer o devido castigo, sem que lhes valha a qualidade de Ecclesiasticos, a não ser para a merecerem maior, e serem mais rigorosamente punidos, porque aquella circumstancia e o abuso do seu sagrado Ministerio agrava mais seus crimes. Paço das Necessidades, em 24 de maio de 1834. Joaquim Antonio d'Aguiar.

Merecendo a S. M. I. o Duque de Bragança, Regente em nome da Rainha, os maiores disvellos e cuidados a conservação da Santa Religião Catholica, Apostolica Romana, que temos a felicidade de professar; e constando que um grande numero de Ecclesiasticos do Clero Secular e Regular de diversas Ordens e Jerarchias, abandonando as Egrejas e Casas Regulares, nas quaes tinham obrigação de residir e fazer serviço, andam em seguimento das tropas rebeldes, de terra em terra, de Provincia em Provincia, procurando por todos os meios a seu alcance perpetuar a usurpação, e a guerra civil entre os Portuguezes, todos irmãos e filhos da mesma patria, que lhes deu a existencia, recorrendo a mentiras, falsidades e embustes; e desejando o Mesmo Augusto Senhor expurgar o Sanctuario do Deus Vivo de entes tão perversos e escandalosos: Ha por bem Mandar pela Junta do exame do estado actual e melhoramento temporal das Ordens Religiosas, encarregada da reforma geral Ecclesiastica, a todos os Governadores temporaes e Vigarios Capitulares dos Arcebispados e Bispados deste Reino de Portugal e Algarves, e bem assim a todos os Prelados locaes dos Mosteiros e Conventos, assim como a todos os Parochos, que a nenhum Ecclesiastico de qualquer ordem ou preeminencia, que digam ou mostrem ter, deixem usar de suas ordens, sem que mostrem ser providos pelo Mesmo Augusto Senhor, ou pelas Authoridades Ecclesiasticas por S. M. I. estabelecidas nas Capitaes das dioceses, para que não se renovem as seducções pelo

abuso dos Santos Sacramentos e do Ministerio Evangelico, e com elle os Sacrilegios praticados contra a Religião, e os crimes contra a Rainha e a Nação e a Liberdade. S. M. I. impõe aos Prelados e mais Authoridades Ecclesiasticas a mais rigorosa responsabilidade na observancia de Suas Imperiaes Ordens, e as sobreditas Authoridades darão conta, pela mesma Junta, não só da recepção e cumprimento e publicação d'esta ordem, mas de todos os casos, em que a tiverem de applicar, remettendo as informações nominaes e circumstancias de todos os individuos, que se acharem nella comprehendidos. Lisboa, em Junta de 28 de maio de 1834. D. Marcos Arcebispo Eleito de Lacedemonia — José Izidoro Gomes da Silva — José Portelli.

Em virtude d'estas Portarias, havemos por suspensos do exercicio de todas as suas ordens a todos os Ecclesiasticos, que se tiverem alistado, fardado e pegado em armas a favor da usurpação contra a legitimidade, os quaes não poderão exercer acto algum das suas ordens para o futuro, sem que primeiro se habilitem legalmente; e mando que os Reverendos Parochos me enviem uma relação exacta de todos os ecclesiasticos actualmente residentes, e que para futuro residirem em suas Parochias, que prestassem ou prestarem serviços, ou fossem ou forem affectos ao Governo da usurpação, por obras ou palavras. E para que chegue ao conhecimento de todos, esta será lida em dous Domingos ou dias festivos, á Estação da Missa Conventual, ficando todo e qualquer parochiano obrigado a fazer declaração dos factos de todos os Ecclesiasticos, de que se possa provar desaffeição ao Governo legitimo, que actualmente nos rege, no termo de trinta dias, debaixo da pena de excommunição reservada ao Ordinario. E ordeno ao mesmo Desembargador Vigario Geral, que mande passar Circulares para toda a sua Comarca, aos Reverendos Parochos da mesma, para que com toda a brevidade e sem perda de tempo, cumpram esta, e a registem no livro competente, para que não possam allegar ignorancia para futuro, passando cada um recibo, nas costas d'esta, do dia e hora, em que lhe foi entregue, para por este modo nos constar da sua inteira observancia; e o mesmo Desembargador Vigario Geral nos remetterá as mesmas Circulares, depois de assim executadas, com a brevidade possivel. Dada em Braga sob o meu signal somente, aos 10 de Junho de 1834. Eu Custodio Luiz d'Araujo, Secretario da Camara Ecclesiastica, a subscrevi. Manuel Pires d'Azevedo Loureiro, Governador,

Vigario Capitular do arcebispado de Braga.

E não se continha mais em as ditas Portarias, etc. etc.

(Segue-se a assignatura do Vigario Geral de Guimarães.)

Em virtude destas Portarias é que o Vigario Geral mandou que os parochos lhe apresentassem os titulos e posse de seus beneficos; bem como mandou ausentar, no termo de tres dias, os parochos que foram ou fossem removidos de seus beneficos.

No discurso, de que fallei no ultimo artigo, affirma-se que a diocese estava governada, ha mais de cinco annos, por Vigario, Capitulares nomeados pelo Cabido, reconhecidos pelo Governo.

Parece que esta affirmacão devla ser verdadeira, visto ser feita em um documento que, adoptado pelo Governo, se tornou official: entretanto encarrega-se de a desmentir a Portaria da Junta do exame das Ordens Religiosas, e da reforma ecclesiastica, assignada pelo celebre Padre Marcos, elevado a Arcebispo Eleito de Lacedemonia, e seus dous companheiros, quando diz— «ou pelas Auctoridades Ecclesiasticas por S. M. I. estabelecidas nas capitaes das dioceses.»

Se foi S. M. I. que as estabeleceu, não foi o Cabido que as eligen. Razão tinham pois aquelles, que olhavam como intrusas taes auctoridades.

Na diocese do Porto deu-se o mesmo caso. Frei Manuel de Santa Iñez, chamado por D. Pedro, para governar a Diocese, principiou logo a exercer Jurisdicção Ordinaria, estando dentro do Bispado o seu Prelado. D'aqui se seguiram graves irregularidades, que sanou, com grande moderação e acerto, o Bispo D. Jeronymo.

(Continúa).

PADRE JOSÉ VICTORINO PINTO DE CARVALHO.

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

CCCXXVIII

Padre Bartholomeu Pereira

TODAS as povoações, por mais pequenas e até insignificantes que sejam, e ainda mesmo de pouca nomeada, podem ter, e effectivamente tem, suas glorias, factos importantes, dignos de mencionar-se na historia do tempo.

Está n'estas cendições a nossa villa de Monsão, na provincia do Minho, e que, na opinião d'alguns historiadores, foi uma antiga cidade no tempo dos



Abrahão e os tres anjos

romanos. Aqui nasceu, entre outros varões illustres, o P. Bartholomeu Pereira, religioso da Companhia de Jesus no seculo XVII. O seu nome não pôde ser esquecido.

Bastava para gloria de Monsão o ter sido o berço do eminente escriptor e doutor ecclesiastico, Paulo Orosio (e não Osorio, como alguns escrevem), do seculo V, que foi contemporaneo de Santo Agostinho e seu particular amigo.

Este homem viajou muito pela Lusitania e Hespanha, esteve em Africa e na Palestina e foi um dos maiores e mais conscienciosos sabios do seu tempo. E' geralmente classificado como santo, ainda que não consta que fosse canonisado.

Os auctores hespanhoes o fazem natural de Tarragona, onde elle residiu algum tempo, mas ha toda a probabilidade de que nascesse em Monsão.

Deixemos, porem, este ponto historico, e tudo o mais que diz respeito ao grande Paulo Orosio, e fallemos do Padre Bartholomeu Pereira, jesuita,

que sem controversia viu a luz do dia n'esta bella e deliciosa povoação de Portugal.

O Padre Bartholomeu foi mestre de rhetorica e da Sagrada Escripura, que professou muitos annos no collegio da Companhia em Coimbra. Era tal a fama da sua sciencia, que por esse motivo alguns o cognominaram o *Quintiliano portuguez*.

Talvez seria esse um epitheto exagerado, na forma da linguagem d'aquelle tempo de decadencia litteraria; mas no emtanto é um testemunho do grande apreço e estimação em que era tido o professor de rhetorica n'um collegio de varões doutissimos.

E, depois, notarei que no seculo XVII, apesar da decadencia da litteratura, havia quem fallasse e escrevesse bem a lingua portugueza, e quem soubesse apreciar o merito das pessoas.

O Padre Bartholomeu Pereira foi tambem insigne poeta latino, e alguns o assimilaram ao grande Virgilio. Al-

cançou este cognome pelo seu poema heroico *Paciecidos*, que consta de 12 livros. Ahi descreve o martyrio de seu tio, o veneravel P. Francisco Pacheco, da mesma Companhia. Imprimiu-se esta obra em Coimbra.

E' tambem auctor d'uma elegante oração latina, que recitou na sala da Universidade, em louvor de Santa Isabel rainha de Portugal.

Escreveu mais algumas obras de merecimento, sobre a Escripura Sagrada, que se perderam.

Falleceu este sabio jesuita, não menos distincto por suas virtudes, em Coimbra a 18 de novembro de 1850.

No seu tempo a Companhia de Jesus florescia em varões notaveis,

CCCXXIX

P. Affonso Mendes

Ao mesmo tempo havia no nosso reino outro jesuita famoso, varão apostolico, grande missionario: é o P. Affon-

so Mendes, que nasceu em Moura, villa do Alentejo, em 1590.

Seguindo o curso de theologia na Universidade de Coimbra, tomou o grau de doutor n'esta faculdade, e em seguida professou a regra de Santo Ignacio.

Tratava se então de mandar missionarios á Abyssinia, que era uma das estancias mais difficeis á evangelisação, em consequencia das revoluções daquelle estado e do grande numero de scismaticos e barbaros idolatras, que alli havia, alem de estar muito amortecida a fé nos mesmos christãos.

Devido unicamente ao seu merito moral e litterario, foi escolhido para esta missão o nosso Affonso Mendes, sendo nomeado Patriarcha da Ethiopia. Alli chegou no anno de 1625.

Era o P. Affonso um homem de conciliação, e pelas suas maneiras affaveis e por suas virtudes e zelo, conseguiu o estima do imperador da Ethiopia, convertido ao Christianismo.

Mas as coisas mudaram de face por morte do imperador em 1632: levantou-se furiosa perseguição contra os catholicos, e principalmente contra os religiosos da Companhia.

N'estas circumstancias o Padre Affonso Mendes viu-se obrigado a tomar o caminho do exilio. Recolheu-se a Goa, onde falleceu em 1656, com fama de santidade. Muitos auctores o classificam como veneravel.

Escreveu uma *Relação* sobre a Ethiopia, que foi muito apreciada, sendo traduzida em francez.

(Continúa)

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Imitação de Christo

EIS aqui um livro que nunca envelhece, apesar de já terem decorrido seculos desde que foi composto. Poucos terão adquirido tal e tão merecida forma, poucos se haverão tornado tão conhecidos e apreciados.

Quer fosse seu auctor Thomaz de Kempis, quer João Gerson, pois que a sua paternidade é ainda questão indecisa, comquanto a maioria das opiniões sejam em favor do primeiro, o que é indisputavel, é ser um livro em que a piedade e a unção, a bondade e a caridade, a clareza e a excellencia doutrinal, arrebatam suavemente as almas e são as suas santas delicias.

Santos de tão geral e provada reputação como S. Carlos Borromeu e S. Philippe de Nery, entre outros, o tinham em tanta conta, que o versavam quotidianamente, haurindo, n'elle o es-

pírito de virtude e piedade que os fez varões eminentes e admiraveis, e lhes mereceu a honra da canonisação que lhes conferiu a Igreja, e a veneração da christandade.

Escripto primitivamente em latim, ha sido traduzido em todas as linguas cultas e em algumas barbaras, tornando-se por assim dizer universal o seu conhecimento.

Não é livro proprio só para uma ou outra classe de pessoas, para um ou outro estado: a sua edificante doutrina convem já aos leigos, já aos ecclesiasticos, assim aos regulares, como aos seculares; pois a todos se dirige, falla ao coração de todos, a todos illumina, aconselha, guia e dirige na imitação do mais perfeito dos modelos, Jesus Christo.

«Pode comtudo dizer-se,—como se observa no prefacio d'uma edição de 1777 correcta e emendada por um religioso arrabido,—que ha uma ordem geral e natural em todo o corpo d'esta obra. O primeiro livro é mais proprio aos que começam a imitar a Jesus Christo; o segundo vae mais adiante, e trata da vida interior ou do espirito; o terceiro é um quadro admiravel, em que se vê debuxado claramente o nosso coração com tudo o que n'elle se passa. Depois do seu auctor haver n'estes tres livros conduzido assim a alma até á mais alta perfeição, ensina-lhe no quarto o modo de receber dignamente o maior dos nossos mysterios; a fim de que, participando a meudo do Corpo de Jesus Christo, o qual purifica as almas justas, enchendo-as sempre de graças novas, n'elle encontre com que augmente de continuo o seu amor a este soberano Esposo.»

Nem todas as traducções, porém, são igualmente dignas de apreço. Já no mesmo prefacio a que atraz me refiro se fazem justas queixas a tal respeito, notando-se as mutilações, incorrecções, faltas de sentido, infidelidades ao texto latino, e outros vicios essenciaes que se encontravam em successivas edições portuguezas.

Acaba de sahir a lume uma edição novissima, devida á louvavel actividade do Snr. José Fructuoso da Fonseca, exempta d'essas lamentaveis pechas. Para removel-as, foi confrontada com o texto latino por pessoa tão competente e habil como é o rev.^{mo} snr. Padre Manoel Marinho, o qual alem d'isso, a ampliou com sabias e substanciosas notas, adaptadas á materia de cada capitulo, mas somente até ao capitulo XLI do livro III.

Qualquer que fosse o motivo porque o snr. Padre Marinho suspendeu ahi a sua utilissima tarefa, não posso por minha parte deixar de sentir, e muito, que a não continuasse até ao fim.

Fal-o-á n'uma futura edição? Muito fôra para desejar.

A actual é approvada e indulgenciada pelo ex.^{mo} e rev.^{mo} snr. D. Antonio, actual e respeitabilissimo Bispo do Porto.

A parte material do livro honra a typographia do editor, o snr. José Fructuoso da Fonseca, reunindo o bom papel á nitidez de impressão. A edição é tambem adornada de bonitas estampas.

Li recentemente n'um diario que, entre os ritualistas inglezes, se teem adoptado os exercicios espirituales de S. Ignacio de Loyola, tão criticados, injuriados e calumniados ainda hoje em paizes catholicos como o nosso, e que um dos bons resultados d'essa adopção é terem-se convertido ao Catholicismo muitos exercitantes, e até haverem alguns entrado na benemerita Companhia de Jesns.

N'um paiz como o nosso, em que a ignorancia e o indifferentismo em materia religiosa são espantosas e deploraveis, muito é para desejar que se vulgarise a leitura de livro tão precioso e santo como é a *Imitação de Christo*; pois que, se entre protestantes promovem consoladoras conversões os exercicios espirituales de S. Ignacio, entre catholicos nominaes ou não praticos não poderá deixar de produzir identicos effectos a leitura attenta e meditada do dulcissimo e piedoso livro attribuido ao veneravel Thomaz de Kempis.

A. MOREIRA BELLO.

SECÇÃO LITTERARIA

Milicia Christã

3.^a PARTE

VII

Já lá vão os Bonecos

FORAM elles uma verdadeira boneca cada liberal, generosa e linda como o espirito d'onde surgira, risonha e leda... aos olhos da garotagem.

Para esta foram uma inspiração engraçadissima, vibrante e estrepitosa.

Para os corações infantis foram um veneno sordido, que lhes caiu no amago, e lhes veio a azedar a existencia, quando lhes sorria um risonho abril. As pessoas cultas ruborisaram perante espectaculo tão denigrante, para a nação fidalga.

As almas piedosas soffreram perante elle lancinantes penas, sentiram mágoas no intimo do seu ser.

As pessoas sensatas tiveram a brincadeira como de mau gosto.

Os profundos pensadores desprezaram tanta pequenez nos sentimentos, dos que, sem conhecerem a sua ade-

quada proporção com as exigencias do tempo, em que existem, tanto gritam contra a inquisição, e atrevem-se a fazerem o papel d'inquisidores mões, apparecendo pequeninos ao reflexo da civilisação moderna, como verdadeiros bonecos do bazar dos tres vintens.

Os corações das que são e sabem ser mães estremeçeram perante tão barbaço simulacro.

Desejara ellas inspirarem na mente dos seus filhinhos agora, no alvorecer da sua intelligencia, pensamentos altos, que lhes abram esplendentes horizontes alumados por torrentes de luz, que no pensamento brotam, quando este contempla a vibrante irradiação da verdade, para que o seu coração ame o que deve amar, e principie n'essa tenra idade a disfructar a doce consolação dos nobres sentimentos, que no coração surgem ao desabrochar n'elle o amor da virtude, abundante em caricias as mais ternas, nobres e consoladoras.

E com razão estremeceram, quando viram o que os seus filhinhos viam, simulacros d'odio e de vingança; erguidos contra irmãos os mais pacíficos, e, bem posso dizer tambem, os mais benéficos e prestimosos: e tão soffredores, que, quando calunniados, calam e pelos seus calunniadores oram.

Quadro foi este desgarrador de consciencias, e esmagador de corações já formados, e tristissima escola liberal, para os que se estão formando.

Dr. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

Lagrimas e ventura

Quando ereis, filhos da alma, pequeninos,
E choraveis sem causa e sem razão,
Com ais, soluços, gritos argentinicos,
Como de pena atroz sob a pressão,

Lembraes-vos do que eu, grave, vos dizia,
Vendo-vos pranto injusto assim verter?
«As lagrimas guardae para algum dia,
Quando os travos provardes de soffrer!»

Crescestes, homens sois; e, embora a neve
Dos invernos na fronte não mostreis,
N'esse estadio da vida ainda breve,
Quanto os abrolios pingem já sabeis!

A vida é suspirar perenne da alma,
Soluçando em saudades do que foi:
—Magoa cruel, se o balsamo a não calma
Da esperanza; pezar que tanto dóe;—

Anciando co'as tristezas do presente:
—Desalento, do espirito oppressor;
Desillusões do coração, tão crente
Nos enlevos do mundo enganador;

Tremendo co'os receios do futuro:
—Temerosas, sombrias previsões,
Com que tenta sondar o alysmo escuro
A mente, em dolorosas convulsões!

Nem padece o homem só, pendendo a fronte;
Geral é o soffrimento sob o sol:
Geme o cordeiro no pendor do monte,
Entre as balsas se carpe o rouxinol.

Tambem pranteia a vasta natureza:
As mansas, sonoras brisas do ar
Suspiros são de incognita tristeza,
Vagos symptomas de intimo penar.

Do pinheiro as agulhas estremeçem;
Cabem mortas as glorias do rosal;
Melancolias murmurar parecein
As moitas de alfazema pelo val.

Quando a planície, á noite, se prepara
Para dos ceos sob o doce dormir,
Do seio seu, que a luz da lua acclara,
Surdos ruidos ouvireis subir:

Os eccos são talvez de seus queixumes,
De occultas dores timidias signaes,
Não lh'as suavizando seus perfumes,
Nem lh'as calmando as galas naturaes.

Das ruinas murmurios gemebundos,
Que vão soando pelo valle alem,
De sentimentos mestos e profundos
Testemunhos ignotos são tambem.

Ha sobre a terra lagrimas em tu lo,
Natureza, animal e humano ser.
Para evitar a dor não vale estulo.
Resignar! que é destino, aqui, soffrer!

Dia a dia, da morte em crueis amplexos,
Se nos cofrange o espirito sem paz:
Mas bemvindo esse aviso, se reflexos
De luz mais placida entrever nos faz.

Somos no exilio aqui: patria bemdita
A mansão é dulcissima do eco,
Onde lagrimas, penas e desdita
Não ha, mas a visão de Deus sem veço!

A. MOREIRA BELLO.

Dr. Salles

O PROBLEMA DE LOURDES (Versão do francez)

(Continuado do n.º 11)

Esta cura instantanea, que encheu de admiração os medicos, não surpreendeu M. Zola.

«Esta mulher tem os olhos muito brilhantes» disse elle simplesmente ao Dr. Binairie.

Esta exclamação que á primeira vista parece singular traduz perfeitamente o estado d'alma do romancista naturalista.

Quando foi a Lourdes, a sua opinião estava já formada. A theoria predilecta do Dr. Charcot gravára-se no espirito de M. Zola.

A Grivotte podia effectivamente encontrar-se no ultimo gráo da tuberculose, mas devia ser nervosa, porque tinha os olhos brilhantes. A moribunda recuperára a saude, graças á exaltação do systema nervoso.

O *sopro salvador* (1), esta palavra (feliz descoberta!) que o chefe dos intellectuaes creou com todas as partes que a compõem, foi o que provavelmente insallou uma vida nova n'esta condemnada á morte.

Depois de ter assim observado os efeitos maravilhosos da agua da piscina de Lourdes, M. Zola, fiel á senha que se tinha imposto, apressou-se á provar que esta cura não fôra momentanea.

Eis o regresso da Grivotte descripto pelo romancista de Lourdes: «Na estação de Lamothe ella agarrava-se á parede do compartimento com uma agonia brusca; parecia ter emma grecido de novo, e tinha o rosto livido e angustiado. Escarrava sangue em abundancia. Esta fulminante recalhida como que gelou o wagon.

«Em Bordeus, a Grivotte respirava com difficuldade, fazendo ouvir um ruido continuo.

«Em Poitiers tremia com uma febre intensa e tossia de novo horrivelmente.

«Em Paris resolveram leva-la directamente ao hospital, tal era o miseravel estado em que se encontrava.»

E' evidente, á vista d'esta narração, que a Grivotte acabaria dentro em pouco os seus soffrimentos.

Effectivamente, o romancista occupou o lugar do historiador, e M. Zola não matou a Grivotte senão para dar alguma vida á theoria da suggestão que lhe é tão cara.

Porém a boa Virgem de Lourdes foi mais misericordiosa que o homem de letras, porque a Grivotte vive ainda e passa bem. Vim-a em Lourdes, durante todo o anno de 1897, expedita e alegre, vivendo do seu trabalho, n'uma casa burgueza.

Eis o primeiro erro *material*, que se encontra no livro de M. Zola. Confessamos que o seu processo, pode ser muito intellectual, mas não tem seguramente nada de medico.

E' necessario de resto crêr que, se o romancista se permittiu bórdar assim a verdade, foi porque o caso da Grivotte era uma doença interna. «Alli, diz M. Zola, não se vê claro, e os proprios medicos se enganam muitas vezes».

Visto pois que M. Zola não é medico, não nos daremos ao incómodo de discutir com elle sobre um assumpto tecnico, mas em compensação sentiremos o prazer de o apanharmos ainda em flagrante delicto do erro sobre um caso de doença externa no qual sem ser parte teria podido pelo menos vêr mais claro.

*
*
*

(1) *Souffrir guerisseur.*

Eis o attestado *suggestivo* que nos dá o romancista Zola, sobre o estado de Elisa Rouquet, o nome de batalha de Maria Lemarchand, a mulher do lupus.

Eil-a na sua partida «com o seu lupus que lhe havia invadido o nariz e a bocca; uma ulceração lenta estendendo-se incessantemente debaixo das crôstas e devorando as mucosas; a cabeça allongando-se em focinho de cão, com os seus cabellos asperos e grandes olhos redondos. Tudo isto tornava Elisa horripilante.

«As cartilagens do nariz estavam quasi comidas; a bocca contrahira-se, inclinada para o lado esquerdo pelo inchaço do labio superior, semelhante a uma fenda obliqua immunda e sem forma. Um suor de sangue, misturado com puz, corria da horrivel chaga livida.

«Quando Elisa Rouquet introduziu com cautella uns boccadinhos de pão na fenda ensanguentada que lhe servia de bocca, todo o wagon empallideceu á vista da abominavel appareição.»

Eil-a agora nas piscinas de Lourdes:

«Elisa Rouquet dispunha-se a beber com a sua cabeça de cão, de focinho carcomido, estendendo a fenda obliqua da chaga, a lingua sahida e tomando agua.

«Os cantaros e os vasos hesitavam em encher-se na fonte onde ella tinha bebido.

«Ao vel-a, um mesmo pensamento subia de todas estas almas cheias de esperança: Ah! Virgem Santa! Virgem poderosa! Que milagre se semelhante mal se curasse!»

Como o leitor acaba de vêr, este pedaço de litteratura é um verdadeiro primor no genero naturalista, e importa confessar que a medicina, cuja linguagem entretanto é por vezes bastante realista, não podia dar uma descrição mais sensível d'nma doença tão hedionda.

Que aconteceu á mulher do lupus na sua passagem por Lourdes?

M. Zola, não se atrevendo a abusar do processo expeditivo da Guivotte, fez d'esta vez curar Elisa Rouquet, mas depois d'um certo tempo.

«Julgava Elisa Rouquet, diz elle; que a chaga (depois das loções na fonte) tão avivada começava a secar e a empallidecer. Era verdade. O aspecto era menos horrivel. No dia seguinte o caso de Elisa Rouquet tornou-se mais interessante ainda; era visível que o lupus, cuja chaga lhe comia a face, tinha melhorado.

«Elisa continuava com as suas loções na fonte miraculosa; sahia precisamente do *bureau*, onde lhe tinham exami-

nado a chaga, pallida já um pouco secca, que estava longe de ser curada, mas na qual começava um trabalho surdo de cura.»

(Continua)

SECÇÃO ILLUSTRADA

S. Leão II Papa e Confessor

(Vid. pag. 159)

Nasceu em Roma este grande santo, no anno de 400 (ao que se crê) sendo imperador o grande Theodosio.

Creou-se no seminario do clero romano, e desde logo se evidenciou o seu saber e conhecimentos.

Sendo já acolyto, foi escolhido pelo Papa Zozimo, para levar aos bispos d'África as letras apostolicas, em que eram condemnados Pelagio e Celestino. Por essa occasião tomou conhecimento e estreitou verdadeira amizade com Santo Agostinho.

De volta d'essa viagem, foi ordenado diacono da santa igreja romana, e nomeado secretario do papa S. Celestino.

Ao Papa S. Celestino, succedeu em 432 o Papa Xisto III, cuja innocencia o nosso santo vindicou valorosa e ardentemente, na presença do imperador Valentiniano III.

Por morte de Xisto III, ficando a santa Igreja exposta ao furor dos heresges que constantemente se multiplicavam para a ferir, foi S. Leão eleito Papa unanimemente a 28 de julho de 440, apezar de estar ausente de Roma. Foi depois um grande Pontifice, o primeiro que deixou á Igreja um corpo d'obras seguido. Deixou 196 sermões, e 141 cartas. E depois de um pontificado de 21 annos, falleceu em 11 d'Abri! de 461.

*

* *

Abrahão e os tres anjos

(Vid. pag. 165)

Conta a Sagrada escriptura que um dia estando Abrahão á porta da sua tenda, no valle Mambré, viu de repente trez homens a alguma distancia.

Correu junto d'elles e prostrando-se por terra, disse-lhes: «Entrae, senhoras na minha casa. Permitti que vá buscar agua, para lavar os vossos pés, e entretanto descançareis á sombra d'esta arvore. Eu mesmo vos darei pão, para restaurarem as forças, depois podeis seguir a vossa viagem, porque, para terdes essa refeição, permittiu Deus que me encontrasseis no vosso caminho.

—Aceitamos o offerecimento— disseram elles.

Abrahão correu a casa, mandou á mulher que preparasse 3 medidas de farinha para coser pão, mandou coser uma vitella de poucos dias, e depois

de tudo prompto foi servir os hospedes, debaixo d'uma arvore.

Um dos hospedes, depois de terem comido, disse a Abrahão: «D'aqui a um anno, tornarei a ver-te com vida, e Sara tua mulher, terá um filho.»

Sara ouvindo isto, riu-se por ser já velha. mas o Anjo reprehendeu-a, porque a Deus nada era impossivel.

E assim succedeu, porque Sara, no anno seguinte, deu á luz Isaac.

SECÇÃO NOTICIOSA

Graça pontificia

E' com a maior satisfação que hoje faço publico a todos os assignantes e leitores do *Progresso Catholico* que o proprietario d'este jornal, o nosso bom amigo e bem conhecido editor catholico d'esta cidade o Ex.^{mo} Sr. José Fructuoso da Fonseca foi ha dias chamado ao paço episcopal e teve a dita de ouvir da bocca do nosso venerando prelado que Sua Santidade o Papa Leão XIII lhe havia enviado uma benção muito e muito especial para elle e sua familia.

E' com o maximo prazer que hoje damos esta grata noticia aos nossos amigos e leitores, pois que esta graça com que o Supremo Pastor da Igreja Catholica houve por bem galardoar o nosso bom amigo e chefe, deve ufanar a todos nós, pois que até certo ponto foi uma elevada honra que o *Progresso Catholico* acaba de receber das sacratissimas mãos de Sua Santidade.

E d'aqui felicitamos o nosso presadissimo amigo, que, atravez dos arduos trabalhos por que tem passado, e dos desgostos inherentes a quem, como elle, tanto trabalha pelo bem de Deus e da Igreja, tem de vez em quando d'estes linitivos com que o Summo Pontifice sabe galardoar os que, como elle, tanto lidam pela santa causa, e pela triumpho da Igreja de Jesus Christo.

E então, elle, que recusou em tempo uma commenda portugueza, que lhe fôra offerlada, porque na sua modestia de bem servir a patria, não lhe soffreu o animo ser agraciado pela munificencia regia, acceitou todavia, respetosamente, primeiro o grão de cavalleiro da ordem pontificia de S. Silvestre, depois a commenda «Pro Pontifice et Ecclesia» e agora esta muito especial benção apostolica, porque na sua qualidade de catholico não pôde deixar de acatar e reverenciar a munificencia de Sua Santidade, como filho que é da Igreja Universal, de que Leão XIII é chefe supremo. Como bom filho acatou, reverente, a bondade e as attenções do Pae espirital de todos nós.

Felicitando agora o denodado cam-

peão da santa causa, felicitamos igualmente todos os nossos amigos e leitores d'este jornal, porque ao *Progresso Catholico* que o agraciado ama como verdadeiro pae, tendo feito grandes e custosos esforços para o sustentar, tambem chega uma boa parte de todas estas graças devidas ao paternal coração do Egregio Pontifice, que preside á santa Igreja Catholica.

A. PEIXOTO DO AMARAL.

Varias noticias

Sua Santidade que passou ha dias alguma tanto indisposto, não teve felizmente a gravidade que alguns jornaes lhe attribuiram, e tanto que presentemente se encontra de novo no goso d'uma perfeita saude, tendo já dado audiencia ao sacro collegio, e recebido ordem do seu medico, para sair dos seus aposentos. Deus conserve o venerando successor de S. Pedro, para gloria e honra da sua santa Igreja.

—Tem sido muito fallado e muito commentado, por uma certa imprensa, o assassinato do pintor hespanhol Carlos Greno, por sua mulher D. Josepha Greno, facto que ha dias se deu em Lisboa. Diz se que a criminosa estava demente, e para melhor d'isso se certificar a justiça, foi internada no hospital de Kilhafolles, afim de ser devidamente examinada.

—O consul geral de Portugal no Rio de Janeiro communicou á direcção geral dos consulados, no ministerio dos estrangeiros que Manoel Joaquim da Rocha, fallecido n'esta cidade do Porto, deixou na capital federal brasileira 126 apolices da divida publica brasileira de um conto de reis cada uma; uma dita de 200,000 reis e mais 36:285,650 reis em dinheiro, que se achavam em poder do procurador do fallecido, que era a firma Fonseca & Silva da rua de S. Bento d'aquella cidade.

—Vae ser agraciado com o titulo de conde da Costa de Caparica o snr. Manoel Figueira Freire da Camara, casado com uma filha do sr. Theodoro Ferreira Pinto Basto.

—Foi incluido no orçamento geral do estado a verba necessaria para o augmento da policia do Porto, com mais 100 guardas, 12 cabos e 2 chefes.

—As receitas das linhas da Companhia real desde janeiro até 24 de junho proximo findo attingiram reis 2:029:303,000 mais 31:517,000 reis do que em igual periodo de 1900.

—A' medida que os jornaes dizem ter havido ultimamente tanto frio na Italia, que chegou, em algumas cidades, a marcar o thermometro 8 graos abaixo de zero, em pleno verão, dizem ao mesmo tempo de Nova York que o dia 2 d'este mez foi o de maior calor,

de que ha memoria entre gente viva. Só em Brtoklin morreram 62 pessoas de insolução, estando os hospitaes cheios de enfermos, assim como cheio o deposito de cadaveres, fechando-se muitas officinas e armazens. Em Baltimore e Philadephia chegou a temperatura a 43 graos centigrados.

—No dia 15 de Junho foram inauguradas solemnemente no Rio de Janeiro as portas de bronze da igreja da Candelaria, trabalho primoroso de Teixeira Lopes.

—Arderam ha dias, na sua quasi totalidade, as magnificas officinas dos grandes armazens de moveis dos snrs. Cypriano d'Oliveira e Silva & C.^a Successores, estabelecidos na praça de Carlos Alberto d'esta cidade. Arderam grande numero de madeiras e riquissimas mobílias, calculando-se os prejuizos em cerca de 30 contos de reis.

—O snr. Antonio José Correia, com officina de latoeiro na rua da Bainharia, acaba de executar umas graciosas lanternas de metal, destinadas á igreja de Valladares. Vimol-as expostas no estabelecimento do snr. João David, á rua de Santo Antonio, e a obra pareceu-nos perfeita e elegante, imitando perfeitamente prata.

A Voz de Santo Antonio

Recebemos o n.º 6 da serie 4.^a, do septimo anno, correspondente a Junho, d'esta magnifica revista mensol illustrada. Vem como sempre muito bem escripta, e adorna-se de cinco nitidas gravuras: Santo Antonio de Lisboa, Sagrado Coração de Jesus, S. João Baptista, S. Pedro e Sé Velha de Coimbra.

Agradecemos.

Diccionario apolegetico da Fé Catholica

Por lapso não publicamos no nosso numero anterior o summario do n.º 6. Cumprimos hoje esse grato dever, tanto mais que a obra é credora do nosso applauso, por ser um monumento que fica erguido á religião catholica.

Eis do que trata o fasciculo n.º 6. *Biblia e Aresta* por C. de Harlez; *Biblicos* (estudos entre os catholicos) por J. Corluy; *Bispo* pelo Dr. J. D.; *Brahmanismo* por C. de II; *Bronze* (idade do) por Hamarde; *Brumo* (Giordano) *Buddhismo* por C. de Harlez; *Canon catholico das escripturas* por J. Corluy; *Canonica*.

Continua a receber-se assignaturas para esta importante obra, em casa do editor o nosso bom amigo Antonio Dourado, Passeios da graça n.º 41.—1.º andar, Porto.

Recurso á corôa

O recurso á corôa interposto pelo Rev.^{mo} Abbade de Massarellos, contra

a determinação da auctoridade ecclesiastica, acaba de ser denegado *por unanimidade* pelo tribunal da Relação do Porto, a quem estava affecto.

Companhia carris de ferro do Porto

Uma commissão de cincoenta proprietarios da rua d'Oliveira Monteiro foi pedir ao digno gerente da companhia, o snr. Vieira de Castro para ser posta uma linha que da rua da Carvalhosa, seguindo pela extensa e bella rua d'Oliveira Monteiro, fosse á Praça do Exercito Libertador. O pedido foi muito bem acolhido, para ser posto em execução em occasião opportuna.

—Um grande serviço acaba de prestar á cidade o mesmo digno gerente, e foi mandar regar os trilhos, por meio d'uma zorra, onde a agua vae devidamente acondicionada. Já começou a pôr-se em execução esta lonvavel medida, o que é de grandissima vantagem, para todos, visto que a camara municipal, descurando este importante serviço, nos deixava quasi asphyxiar em nuvens densissimas de pó, n'esta quadra do anno, em que o calor já de per si nos encommoda bastante.

D'aque enviamos o nosso penhorante agradecimento ao exc.^{mo} snr. Vieira de Castro, sempre prompto o attender o que seja em beneficio do publico.

EXPEDIENTE

A Adminisrração do PROGRESSO CATHOLICO agradece penhorada aos seus bondosos assignantes prestesa e boa vontade com que se dignaram pagar as suas assignaturas, logo que para isso lhe apresentaram os respectivos recibos.

Accontee, porém pue talvez uma decima parte não teve a amabilidade de os pagar por não estarem nas respectivas localidades, ou por outro qualquer motivo. A esses vamos novamente fazer saques, esperando que d'esta vez honrarão a sua assignatura, no que muito nos obsequiam, porque nos obrigam a grandes despezas, que vêm sobre-carregar a não pequena despeza que já estamos fazendo com a publicação do jornal, visto que o PROGRESSO CATHOLICO vive unica e exclusivamente do producto das suas assignaturas.

E' uma deferencia que esperamos receber dos nossos bondosos assignantes, attendendo á exiguidade da assignatura.

José Joaquim d'Oliveira

PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO

103, Rua do Souto, 105—BRAGA

Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887, Industrial de Lisboa de 1888 e Universal de Paris de 1889

Fabrica de damascos de sêda e ouro, lisos e lavrados; paramentos para egreja; galões e franjas d'ouro fino e falso; setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias reaes Portuguezas.

IMITAÇÃO DE CHRISTO

NOVISSIMA EDIÇÃO

Confrontada com o texto latino e ampliada com algumas notas

PELO

P.º MANUEL MARINHO

Approvada e indulgenciada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. ANTONIO Bispo do Porto

Parecer dado pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Conego Dr. Coelho da Silva:

Li attentamente esta nova edição da *Imitação de Christo*.

O que é a *Imitação de Christo*, um dos livros mais admiraveis, se não o mais util e admiravel sabido das mãos do homem, não é para aqui dizê-lo.

Quanto á nova tradução e notas, o nome do Rev.^{mo} Padre Marinho é garantia segura de que esta obra é uma das mais perfectas. Effectivamente a tradução foi confrontada com o texto latino, é fiel, concisa e intelligivel para todos.

As notas, que acompanhão os capitulos, são taes que algumas vezes parecem exceder o proprio texto, e pena é que se não estendessem a toda a obra.

Porto, 10 d'abril de 1901.

CONEGO COELHO DA SILVA.

APPROVAÇÃO

Em virtude do parecer favoravel, dado pelo Rev. Conego Dr. Coelho da Silva approvamos esta edição da *Imitação de Christo*, e concedemos 10 dias d'indulgencias pela leitura de cada capitulo.

Porto e Paço Episcopal. 11 de Abril 1901.

† ANTONIO, Bispo do Porto.

PREÇOS

Em percalina	300
Em carneira com as folhas bruniadas a vermelho	400
Em carneira com folhas-douradas	500
Em chagrin-douradas	900

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor José Fructuoso da Fonseca—Rua da Picaria, 74—Porto.

FORMULA DA CONSAGRAÇÃO AO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

Preço de cada exemplar 10 rs.

LADAINHA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

Preço de cada exemplar 10 rs.

Com approvação da auctoridade ecclesiastica

Faz-se grande desconto a quem comprar porção.

Vende-se na typographia catholica FONSECA—Rua da Picaria, 74—Porto.

O LIVRO DE TODOS

POR

O Abbade J. Berthier, M. S.

VERTIDO DA ULTIMA EDIÇÃO FRANCEZA

POR

A. PEIXOTO DO AMARAL

Preço: Broch., 600; enc., 700

Coroa do Coração de Jesus

Compõe-se de cinco dezenas em honra das Cinco Chagas de Nosso Senhor Jesus Christo. Cento, 600; avulso, 10 reis.

A VIDA DEPOIS DA MORTE

Preço 200 reis

A' venda nas principaes livrarias.

GRANDE PROMESSA

Comunhão das nove primeiras sexta-feiras de mezes consecutivos. Preço de cada cento em cartão, 800; avulso 10 reis.

Flores a S. José

Meditações para o seu Mez

OU

Qualquer tempo do anno

COM

Exemplos apropriados, colloquios, etc.

Extrahidas das Sagradas Escripturas, Santos Padres, doutores da Egreja e outros eminentes auctores

E COORDENADAS POR

A. L. F.

Obra approvada e indulgenciada

Preço, enc. 200

Pedidos ao Editor Catholico José Fructuoso da Fonseca—Rua da Picaria, 74—PORTO

A MÃE

SEGUNDO A VONTADE DE DEUS

OU

Deveres da Mãe Christy

PARA COM SEUS FILHOS

Vertido da 4.ª edição franceza a

POR

A. PEIXOTO DO AMARAL

Prefaciado por varios escriptores catholicos. Preço 600 reis.

Forma de se ganhar com especialidade a singular Indulgencia da Porciuncula.

Um folheto broch., 50 reis.

Está á venda o primeiro volume

Luiz Gonzaga do Valle Coelho Pereira Cabral

VIEIRA-PRÉGADOR

Estudo philosophico da eloquencia sagrada

Segundo a vida e as obras

DO

GRANDE ORADOR PORTUGUEZ

A obra constará de dois volumes em 8.º grande, que comprehenderão ao todo umas 1,000 paginas, nitidamente impressas em excellente papel assetinado (*typo elzvir.*)

O primeiro volume é illustrado com um primoroso retrato de Vieira (phototypia da casa BIEL) expressamente composto para esta obra pelo distincto professor de desenho historico da Academia Portuense de Bellas-Artes, o Ex.^{mo} Snr. José de Brito.

O numero de exemplares d'esta obra é limitado.

Preço dos dois volumes:

Por assignaturas (*paga adiantada*) 15000 reis
Avulsos 25000 reis

Assigna-se e vende-se em casa do editor José Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74.

Os pedidos que não venham acompanhados da sua importancia não serão satisfeitos.